

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

9

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 9 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 9)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-310-1

DOI 10.22533/at.ed.101190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 9” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
NA CAMINHADA PARA EDUCAR JOVENS E ADULTOS PERPASSEI PELA ALFABETIZAÇÃO E PELO LETRAMENTO	
Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem	
DOI 10.22533/at.ed.1011903041	
CAPÍTULO 2	12
NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR: A LINHA TÊNUE ENTRE SEGREGAR E RESISTIR	
Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1011903042	
CAPÍTULO 3	20
NÃO TE ESCUTO: (SOBRE)VIVER NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
Leonardo Farias de Arruda Ricard José Bezerra da Silva Juliana Fonsêca de Almeida Gama	
DOI 10.22533/at.ed.1011903043	
CAPÍTULO 4	31
NIM: EFICIENTE RECURSO DIDÁTICO NA APRENDIZAGEM DA DIVISÃO	
Márcia Aparecida de Macêdo Silva Josélia Paes Ribeiro de Souza Fernanda Viana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.1011903044	
CAPÍTULO 5	47
NOTÍCIAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DO PASSADO ÀS INOVAÇÕES EDUCACIONAIS DOS SÉCULOS XX E XXI, EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE	
Solange de Carvalho Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.1011903045	
CAPÍTULO 6	60
O BIOMA CERRADO: PLANTANDO NO PRESENTE OS DESEJOS PARA O FUTURO	
Marcelo Duarte Porto Everson Inácio de Melo Sheyla de Oliveira Martins Thiago Gonçalves dos Santos Stefania Amaral Ricardo Ferreira Letícia Sousa Silva Ronivaldo Silva Leal dos Santos Vanusa Rodrigues Caixeta	
DOI 10.22533/at.ed.1011903046	

CAPÍTULO 7	66
O CONTO DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM ALUNOS DO ENSINO ESPECIAL	
Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem Marta Brügger	
DOI 10.22533/at.ed.1011903047	
CAPÍTULO 8	76
O CORTIÇO: LEITURAS POSSÍVEIS ATRAVÉS DAS CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E DO MÉTODO RECEPCIONAL NOS CONTEXTOS DE SALA DE AULA DA EJA	
Ferdirammar Farias Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.1011903048	
CAPÍTULO 9	84
O CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL	
Maria Luiza de Santana Gomes Haniel Regina Dias de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1011903049	
CAPÍTULO 10	94
O ENSINO DA ARTE E A SUSTENTABILIDADE: UM DESPERTAR DO SENSO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
João Victor Batista da Conceição Leidiane dos Santos Lima Romildo de Araújo Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.10119030410	
CAPÍTULO 11	103
O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VIA DE INSERÇÃO SOCIAL PARA OS IMIGRANTES HISPANO HABLANTE EM RORAIMA	
Maria Betânia Gomes Grisi Cila Vergínia da Silva Borges Hilton de Sá Rodrigues Maria de Fátima Freire de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.10119030411	
CAPÍTULO 12	115
O ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL: DA BNCC A ARGUMENTAÇÃO EM PAUTA	
Joyce Almeida Ataíde Alves Maria José Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.10119030412	
CAPÍTULO 13	125
O ENSINO TÉCNICO À LUZ DA DIMENSÃO ÉTICA DISCENTE	
Geise Franciele Ferreira Neves Luciana Maria Caetano Betânia Alves Veiga Dell'Agli	
DOI 10.22533/at.ed.10119030413	

CAPÍTULO 14 142

O ESPAÇO DA COORDENAÇÃO COLETIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: PERCEPÇÕES E DESAFIOS NO CONTEXTO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

Loryne Viana de Oliveira
Suzana Medeiros de Souza Aguiar
Mônica Angélica Barbosa de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.10119030414

CAPÍTULO 15 152

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Cristh Júnior Pereira Carvalho
Janeisi de Lima Meira
Maurício Castro Gonçalves de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.10119030415

CAPÍTULO 16 161

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA COM ÊNFASE NA PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEG - CAMPUS FORMOSA

Karina dos Reis Bittar
Marilda de Paula Mamedio
Sônia Bessa

DOI 10.22533/at.ed.10119030416

CAPÍTULO 17 173

O ESTÍMULO DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA COM SÍNDROME DE DOWN

Xênia da Mota Araújo Lima
Ingrid da Mota Araújo Lima;

DOI 10.22533/at.ed.10119030417

CAPÍTULO 18 184

O INTÉRPRETE NA FIGURAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES E PRÁTICAS A PARTIR DE NORBERT ELIAS

Euluze Rodrigues da Costa Junior
Reginaldo Célio Sobrinho
Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

DOI 10.22533/at.ed.10119030418

CAPÍTULO 19 195

O JOGO “CARTADA ORGÂNICA” COMO ESTRATÉGIA DE METODOLOGIA NO ENSINO EM QUÍMICA

Cynthia Pereira dos Santos
Gilson Silva Filho
Otoniel de Aquino Azevedo
Bruna D´nadai do Nascimento
Eliana da Silva Santos
Cíntia Cristina Lima Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.10119030419

CAPÍTULO 20	203
O JOGO DO SOBE E DESCE COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS AULAS DE MATEMÁTICA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Amanda Juvino Soares Mônica Augusta dos Santos Neto Claudiene dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.10119030420	
CAPÍTULO 21	214
O JOGO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INSTRUMENTO DE CRIAÇÃO A PARTIR DA LINGUAGEM TEATRAL	
Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias. Clarice da Silva Costa.	
DOI 10.22533/at.ed.10119030421	
CAPÍTULO 22	231
O MOVIMENTO E A INTERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA POR MEIO DE BRINCADEIRAS	
Luzia Xavier de Oliveira Andressa Nayara Barros Correa Freitas Sidney Benedito da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.10119030422	
CAPÍTULO 23	245
O MUNDO DO TRABALHO PARA ANALFABETOS E PARA ALUNOS DO 1º SEMESTRE DO PRIMEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Arthur Ferreira da Costa Lins Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem	
DOI 10.22533/at.ed.10119030423	
CAPÍTULO 24	256
O PACTO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (ANA): BREVE RELATO	
Edson Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.10119030424	
CAPÍTULO 25	263
O PAPEL DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NO PROCESSO DE RESISTÊNCIA AO NEOCOLONIALISMO	
Anna Marina Paes Montysuma Hildo Cezar Freire Montysuma	
DOI 10.22533/at.ed.10119030425	
CAPÍTULO 26	275
O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE JOGOS COGNITIVOS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES À APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR	
Daniela Karine Ramos Bruna Santana Anastácio	
DOI 10.22533/at.ed.10119030426	

CAPÍTULO 27 288

O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (PBF) E O PROCESSO DE REPRODUÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA À LUZ DOS/AS PROFISSIONAIS E GESTORES DA ESCOLA NAZINHA BARBOSA DA FRANCA

Celyane Souza dos Santos
Maria Nazaré dos Santos Galdino
Eryenne Lorryne Sayanne Silva do Nascimento
Amanda Raquel Medeiros Domingos
Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.10119030427

CAPÍTULO 28 298

O PROJETO ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL (PROETI) COMO POLÍTICA PÚBLICA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA EM DIAMANTINA-MG: MAIS TEMPO DE UMA OUTRA EDUCAÇÃO?

Wanderléia Lopes Libório Figueiredo
Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa

DOI 10.22533/at.ed.10119030428

CAPÍTULO 29 310

O PROTAGONISMO NARRATIVO DO JOVEM: UMA (NOVA) CONSTITUIÇÃO DO SABER

Isadora Ortácio Schmidt Buske
Cilene de Lurdes Silva

DOI 10.22533/at.ed.10119030429

CAPÍTULO 30 320

“O SONHO DE MARIA” UMA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARAJI/PE

Aparecida do Carmo Fernandes Cheroti

DOI 10.22533/at.ed.10119030430

CAPÍTULO 31 326

O TEATRO COMO METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elvira Santana Amorim da Silva
Maria Magaly Vidal Maia
Andreyne Javorski Rodrigues
Juliana Lemos Zaidan
Priscyla Dayane das Chagas Lira

DOI 10.22533/at.ed.10119030431

CAPÍTULO 32 331

O TEATRO NA CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA- RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID – LETRAS PORTUGUÊS

Luana Ewald
Andressa Regiane Gesser
Larissa Patricia Theiss
Suelen Ramos
Henrique Mengisztki

Silvane Terezinha de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.10119030432

CAPÍTULO 33 346

O TRABALHO DO PROFESSOR MT NAS ESCOLAS DE CABO FRIO

Helaine Soares

DOI 10.22533/at.ed.10119030433

SOBRE A ORGANIZADORA..... 358

O MUNDO DO TRABALHO PARA ANALFABETOS E PARA ALUNOS DO 1º SEMESTRE DO PRIMEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Arthur Ferreira da Costa Lins

Universidade de Brasília - UNB
Brasília - DF

Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem

Universidade de Brasília - UNB
Brasília - DF

RESUMO: Este artigo apresenta a relação do trabalho remunerado, ou não desenvolvido por pessoas migrantes radicadas em Brasília com pouca ou nenhuma escolaridade ou recém ingresso no curso de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos. Foi realizada uma amostra de um grupo de 60 pessoas que não tiveram acesso a escolas e uma outra amostra com um grupo de 23 pessoas matriculadas no 1º semestre do Primeiro Segmento da Educação de Jovens e adultos. O intuito é mostrar as profissões desses cidadãos, suas origens e como a escola e o Mercado de Trabalho se relacionam com esses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Origens, Analfabetismo, Mercado de Trabalho e Escola

ABSTRACT: This article is about relationship of paid work, or not developed by migrant people living in Brasilia with a few or any schooling or newly enrolled in the literacy educational course for young and adults. A sample of a group of 60 people who have not had access to school

and a sample of a group of 23 people enrolled in the First Semester Educational Course of Young and Adults. The objective is to show their profession, your origins and how school and marketplace are related to theses people.

KEYWORDS: Origins, Illiteracy, Marketplace, School.

1 | INTRODUÇÃO

O Brasil, ainda, apresenta altas taxas de analfabetismo. Segundo o último levantamento, o país, tem 161.990.265 de habitantes com mais de 10 anos de vida. Desse total 14.612.083 não foram alfabetizadas, ou seja, 9,02% desse levantamento. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - Censo 2010) O Brasil precisa urgentemente melhorar essa estatística, para um melhor desenvolvimento da nação.

Nenhuma sociedade resolveu seus problemas sem equacionar devidamente os problemas de educação. Não há países que tenham encontrado soluções para os problemas educacionais sem equacionar devida e simultaneamente a educação de adultos e a alfabetização. (GADOTTI, 2008, P. 10)

A língua oficial do Brasil é a portuguesa devido ao passado de exploração das riquezas naturais do país na época da colonização

portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII, e na do Império português no século XIX. Dito isto, o Almanaque Abril (2012) informa que a população de Portugal é de aproximadamente 10.700.000 (p. 564), ou seja, no mundo há mais analfabetos brasileiros (14.612.083 de pessoas) que portugueses. Quando o Brasil assumir verdadeiramente a Educação de Jovens e Adultos terá a dura missão de alfabetizar uma população de Portugal somada a uma população de um vizinho país como o Uruguai, aproximadamente 3.400.000 de habitantes. (ALMANAQUE ABRIL, p. 618) É um dado preocupante para o futuro do Brasil.

Segundo o Censo Demográfico 2010, o Distrito Federal que tem 2.570.160 de habitantes, e dentre esses 71.053 pessoas analfabetas, que correspondem a 3%, da população, acima dos 10 anos de idade.

Para fins didáticos segue abaixo um gráfico percentual do número de analfabetos por região do Brasil, pelo critério do IBGE.

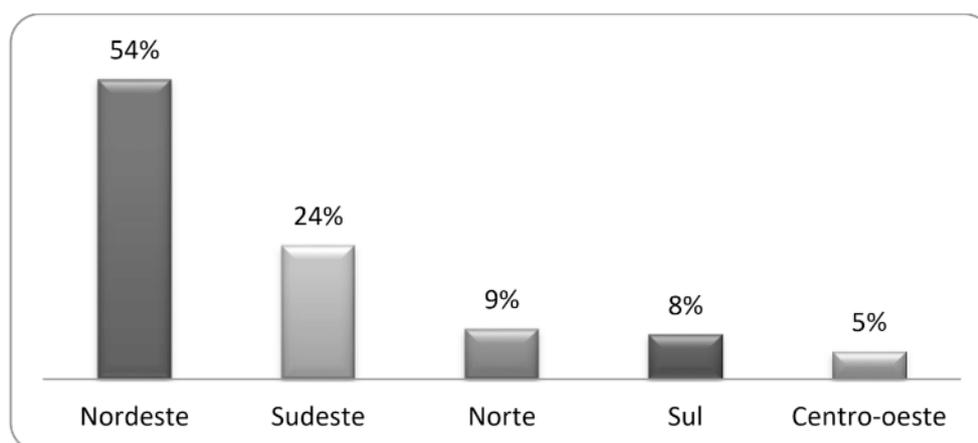


Gráfico 1 – Distribuição de pessoas não alfabetizadas por Regiões do Brasil

Fonte: IBGE - Censo demográfico 2010.

A região Nordeste apresenta 54% de analfabetos, ou seja, 7.805.225 de pessoas não alfabetizadas, a partir de 10 anos de vida; a ela seguem-se a região Sudeste com 24% que corresponde a um total de 3.553.024 pessoas; a Norte com 9% tem 1.343.549 de pessoas acima dos 10 anos sem ser alfabetizada; a região Sul que apresenta 8% ou 1.122.570 de não alfabetizados e o Centro-Oeste, com o menor índice 5%, que corresponde a 787.715 de pessoas sem escolarização.

Através do gráfico percebe-se que a região Nordeste, historicamente menos favorecida, continua com um grave problema educacional. Vários brasileiros, sem habilidades de leitura e/ou escrita, dessa região migram para os grandes centros urbanos do Brasil, como a capital do país, Brasília, elevando a taxa de pessoas sem escolarização das localidades onde se fixam. E a Educação de Jovens e Adultos no Distrito Federal atende um número muito alto de alunos de origem nordestina.

Embora os dados do IBGE apontem uma realidade é importante ressaltar que a coleta e a análise baseiam-se em um conceito estrito de analfabetos. Os recenseadores

visitam as residências brasileiras, solicitam uma entrevista com o responsável da casa e realizam uma série de perguntas, dentre elas, uma sobre o número de analfabetos que residem naquela casa.

Para se ter bases para entender o analfabetismo é preciso conhecer os analfabetos e entender como eles se relacionam com as suas redes sociais como o trabalho, repartições públicas, instituições de cunho religioso, comércios, dentre outros. Verificar como se relacionam com a cultura letrada do meio urbano, e como fazem valer os seus direitos.

A pesquisa de Lins (2010) apresenta dados do perfil de 60 pessoas que tiveram escolarização rudimentar ou nenhum acesso a escolas, dados coletados a partir de entrevistas realizadas em Ceilândia, Recanto das Emas e Taguatinga, Regiões Administrativas do Distrito Federal, como segue:

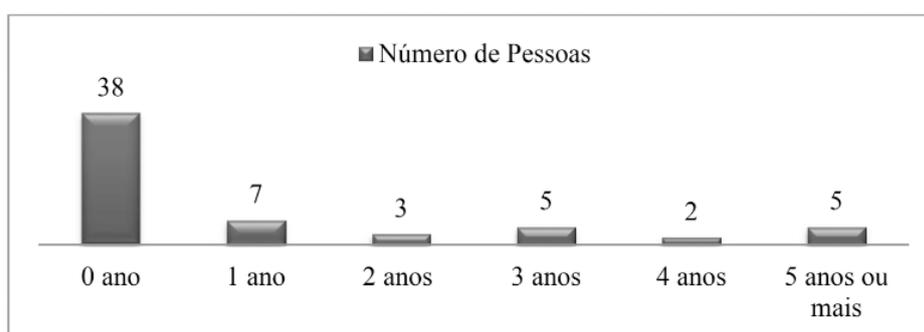


Gráfico 2 – 60 Pessoas distribuídas por anos de estudos

Fonte: Pesquisa “A Brasília que não lê”, 2010

O gráfico 2 apresenta que nesse conjunto de 60 pessoas, 38 pessoas não frequentaram escolas e cinco conseguiram cursar mais de quatro séries.

No gráfico seguinte apresenta-se o percentual da região de origem das 60 pessoas entrevistadas no período de pesquisa.

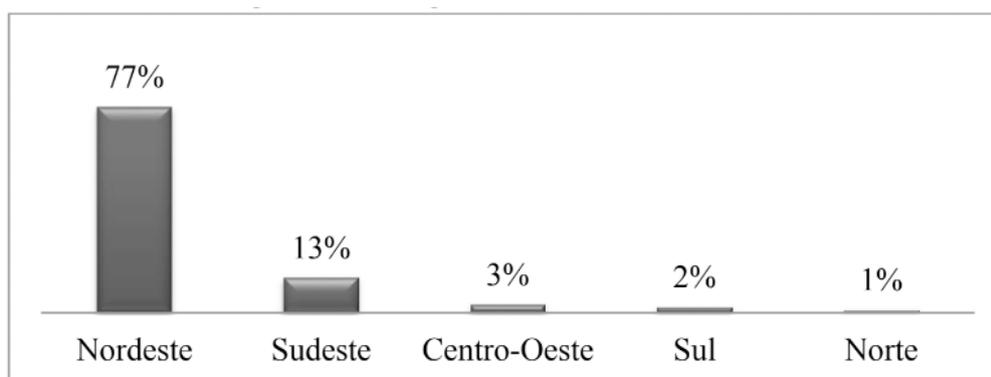


Gráfico 3 – Região de origem dos 60 entrevistados

Fonte: Pesquisa “A Brasília que não lê”, 2010

O gráfico mostra que há pessoas de todas as regiões do Brasil. Em primeiro lugar vem o Nordeste com 46 entrevistados (77%), o Sudeste com oito (13%), o Centro-

Oeste com quatro (7%), as regiões Norte e Sul apresentam um colaborador cada (1% e 2%). Verifica-se que as pessoas que migram para Brasília são as que estavam mais distantes da Capital do Brasil e dos grandes centros urbanos. Há um número considerável também de pessoas que moram em estados próximos a Brasília como Minas Gerais e Goiás.

Durante algumas entrevistas as pessoas relatavam as suas vidas sofridas nas suas cidades de origem. Apenas duas pessoas relataram que gostavam de trabalhar na roça. Eu acredito que essas duas senhoras não se adaptaram bem ao modo de vida de uma cidade urbana como Brasília, ou por outra interpretação deve-se ao fato do saudosismo de alguns momentos que todos nós temos.

Oliven (1982) indica quatro processos principais que incentivaram a migração do meio rural para o urbano:

O primeiro é a introdução do capitalismo na economia rural, cujo resultado foi a proletarização dos trabalhadores mais pobres expulsos para a cidade. O segundo é a entrada de melhorias sanitárias no campo, que resultaram no decréscimo dos índices de mortalidade e num conseqüente aumento da população, que passou a não ser absorvida em seu lugar de origem. O terceiro é a expansão das fronteiras agrícolas com a colonização de regiões a oeste do país, anteriormente habitadas somente por índios. E finalmente, há a atração que o modo de vida exerce sobre as populações rurais com a expectativa de melhores condições de vida: um fenômeno desencadeado pela difusão dos meios de comunicação de massa em áreas rurais, seguindo a expansão da eletrificação rural.(OLIVEN, 1982 *apud* BORTONI-RICARDO, 2011, p. 36-37)

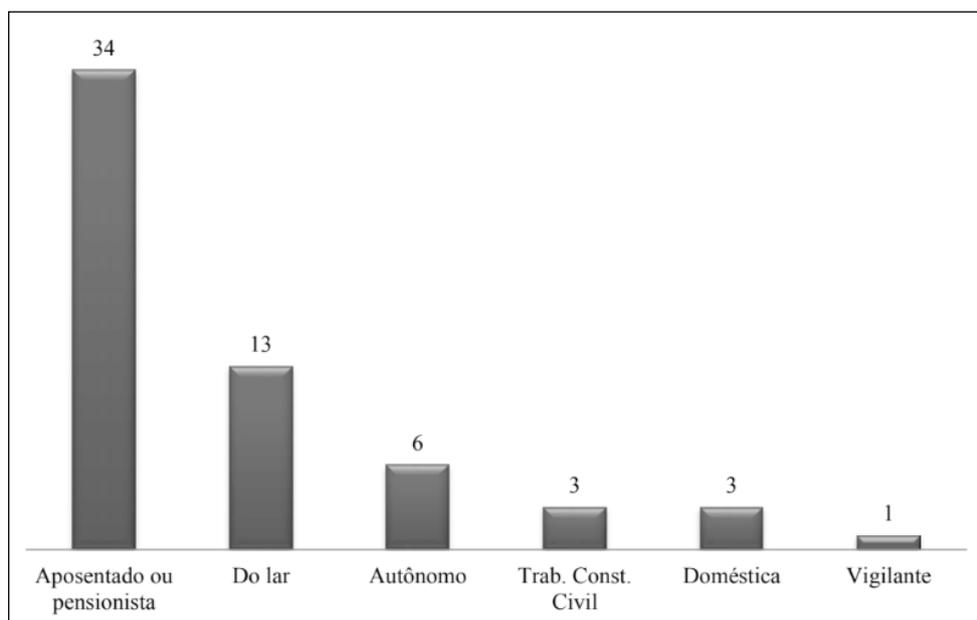


Gráfico 4 – Colaboradores por ocupação ou profissões

Fonte: Pesquisa “A Brasília que não lê”,2010

Os dados mostram que 47 pessoas entrevistadas não trabalham remuneradamente, pois apenas 13 trabalham nas atividades do lar e 34 são aposentados ou pensionistas.

Apenas 13 pessoas entrevistadas ainda estão no mercado de trabalho remunerado.

As análises da pesquisa apresentaram que grande parte dos aposentados, aposentaram por idade e não por tempo de serviço, as pessoas que não tiveram assegurado o seu direito de acesso e permanência em escolas, tiveram poucas oportunidades de trabalhar em empregos em que assumem as obrigações trabalhistas dos funcionários. Grande parte dos “analfabetos” trabalham de maneira informal ou apenas realizando “bicos” ou em casa em trabalhos do lar.

2 | A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO DF

O trabalho de pesquisa de mestrado de Lins (2011) apresenta dados dos perfis dos alunos do 1º semestre do Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos do Centro de Ensino Fundamental 206 (CEF 206) do Recanto das Emas, Distrito Federal.

O 1º semestre da Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal é uma alternativa para as pessoas que não tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever iniciar o seu processo de alfabetização.

Gadotti (2008) afirma que o “analfabetismo representa a negação de um direito fundamental, decorrente de um conjunto de problemas sociais: falta de moradia, alimentação, transporte, escola, saúde, emprego.” (p. 11) Os programas de alfabetização precisam vir agregados a outras políticas sociais.

O Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal é dividido em quatro semestres. Para um melhor entendimento, o 1º semestre corresponde ao 2º ano; o 2º semestre ao 3º ano; o 3º semestre ao 4º ano e o 4º semestre ao 5º ano do Ensino Fundamental de nove anos. Observe a estrutura Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos no Distrito Federal na tabela que segue:

Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal				
1º Segmento	Dias Letivos	Equivalência	Carga Horária	Estratégia de Ensino
Primeiro Semestre	100 dias	Ensino Fundamental de nove anos - 2º ano	400 horas	Presencial
Segundo Semestre	100 dias	Ensino Fundamental de nove anos - 3º ano	400 horas	Presencial
Terceiro Semestre	100 dias	Ensino Fundamental de nove anos - 4º ano	400 horas	Presencial
Quarto Semestre	100 dias	Ensino Fundamental de nove anos - 5º ano	400 horas	Presencial

Tabela 1 – Matriz Curricular de Ensino na Educação de Jovens e Adultos
Fonte: Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal (p. 61)

Se o aluno desenvolver sua aprendizagem com sucesso em dois anos, ou seja,

em quatro semestres, terá cumprido o 1º Segmento da EJA, estando apto a cursar o 2º Segmento da Educação de Jovens e Adultos, que são outros quatro semestres, que correspondem às quatro séries finais (6º, 7º, 8º e 9º anos) do Ensino Fundamental de nove anos.

No gráfico a seguir são apresentadas as regiões de origem da turma de 23 alunos do 1º Semestre do CEF 206 no período de fevereiro a julho de 2011.

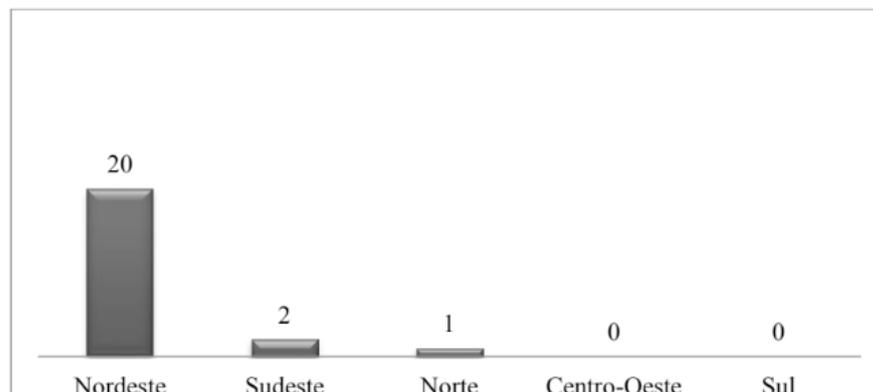


Gráfico 5 - Distribuição dos 23 alunos por região de origem

Fonte: Dados da Pesquisa – setembro/2011

Neste gráfico, observando-se a distribuição dos alunos por regiões de origem, vê-se que o número de alunos vindos da região Nordeste é muito alto. Em oposição não há alunos oriundos da região Sul nem da região Centro-Oeste, onde se localiza Brasília, pois não há nenhum brasiliense frequentando os dois primeiros semestres do Primeiro Segmento do CEF 206, conforme dados do levantamento. Podemos constatar ainda que o fluxo migratório para Brasília continua intenso, e que os governantes da região Nordeste, a se basear por esta amostra, não têm investido o suficiente na educação básica de seu povo.

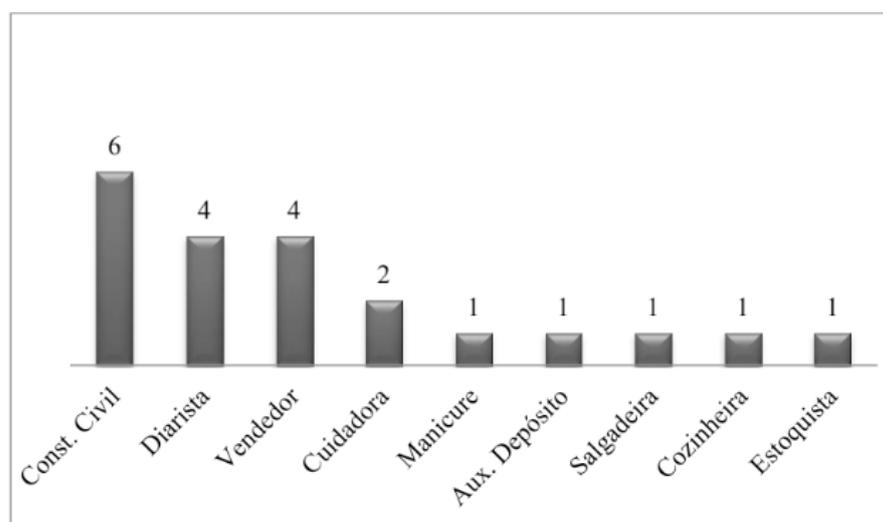


Gráfico 6 – Distribuição dos 23 alunos por profissões

Fonte: Dados da Pesquisa – setembro/2011

Dos 23 alunos daquela turma 13 trabalham de maneira informal, sem garantias trabalhistas, ou seja trabalho precarizado. A média de idade dos alunos é de 37 anos sendo que o aluno mais novo tem 25 anos de vida e o mais idoso tem 60 anos. A maioria dos alunos pesquisados estão na chamada idade economicamente ativa, dos 25 aos 40 anos.

A especialista em Educação de Jovens e adultos Suzana Schwartz (2010) destaca que:

Os alunos dessa modalidade encontram-se já em idade de pertencer ao mundo do trabalho, não dispendo de tempo fixo disponível, o que os faz abandonar, repetidas vezes, a escola. As classes de EJA Acolhem sujeitos com nível cultural e educacional diferenciado, o que faz do espaço da sala de aula um ambiente rico e marcado pela diversidade. Além disso, os alunos de EJA em função de fracassos anteriores possuem, muitas vezes, uma baixa autoestima; portanto, precisam ser motivados, e o educador deverá buscar diferentes maneiras de promover e despertar o interesse e o entusiasmo e acima de tudo mostrar a esses alunos que é possível aprender. (p.13)

Parece, não existir, políticas públicas que estabeleça uma conexão entre alunos do Primeiro Segmento da Educação de Jovens e adultos e cursos de qualificação. Conhece-se apenas para alunos com Ensino Fundamental completo, ou cursando.

As vagas de emprego, da Secretaria de Estado de Trabalho do Distrito Federal, para pessoas com apenas o Ensino Fundamental Incompleto são: Servente, marceneiro, vidraceiro açougueiro, ajudante de churrasqueiro, ajudante de marceneiro, ajudante de serralheiro, armador de ferros, atendente de lanchonete, atendente de mesa, auxiliar de cozinha, auxiliar de marceneiro, carpinteiro, chapista de lanchonete, confeitoiro, copeiro, eletrícista, eletrícista de automóveis, gesseiro, lanterneiro, oficial de serviços gerais, pedreiro, pintor de alvenaria, repositor mercados, repositor de mercadorias, saladeira.

Destaca-se duas novas profissões que são: a “atendente de mesa”, não é mais a profissão garçom ou garçonete, e a “oficial de serviços gerais” não é mais faxineiro ou faxineira. Todas essas vagas para o público que não concluiu o Ensino Fundamental exigem o mínimo de leitura, escrita e as noções mínimas de cálculo.

O Currículo da Educação Básica, vigente desde 2010, foi elaborado, como descreve o Secretário da Educação do Distrito Federal, da época da elaboração, Sinval Lucas de Souza Filho para “nortear a prática pedagógica dos/as educadores/as na perspectiva da construção de uma instituição educacional pública de qualidade para todos.” (p. 15) Esse Currículo é “orientada pelo Parecer nº 11 de 2000 do Conselho Nacional de Educação/Câmara Básica de Educação (CNE/CEB), que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA.” (CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2010, p. 39)

Esse currículo não dá condições ao aluno da Educação de Jovens e adultos de sequer de se alfabetizar e continuar prosseguindo nos estudos. Lins (2011) apresenta

dados sobre a retenção (reprovação) dos alunos do 1º semestre ao longo dos anos de 2008 a 2010 no CEF 206.

1º semestre da Educação de Jovens e Adultos do CEF 206			
Semestre	Matriculados	Retidos	Aprovados para o 2º semestre
1º/2008	41	76%	24%
2º/2008	25	84%	16%
1º/2009	41	83%	17%
2º/2009	36	83%	17%
1º/2010	24	79%	21%
2º/2010	43	74%	26%

Tabela 2 – 1º semestre da Educação de Jovens e Adultos nos anos 2008, 2009 e 2010

Fonte: Dados da pesquisa - setembro/2011

Na tabela acima, os dados dos alunos dos 1ºs semestres mostram que o semestre letivo com menor número de alunos retidos é o 2º/2010. Nota-se que o índice de retenção oscila entre 74% e 84% nos seis semestres em questão.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos três anos analisados foram matriculados 246 alunos no 1º semestre do Primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos no CEF 206, mas apenas 49 alunos (20% dos 246 matriculados) tiveram sucesso e foram promovidos para o 2º semestre do Primeiro Segmento. Os outros 197 (80% dos 246 matriculados) ficaram retidos ou, na pior das hipóteses, abandonaram a escola pelo insucesso no processo de alfabetização.

O estado de espírito, a vontade ou a falta de vontade de frequentar uma sala de aula interferem no processo de ensino e aprendizagem. O fato de ir a escola à noite, dormir pouco, acordar cedo, enfrentar o trânsito, uma jornada de oito horas de trabalho e à noite retornar para a escola é desgastante, sem falar nas responsabilidades familiares que os alunos da Educação de Jovens e Adultos geralmente têm. Schwartz (2010) ressalta que a educação de jovens e adultos

deve ser orientada no sentido de despertar no aluno a consciência da importância de alfabetizar-se, de instruir-se. E essa necessidade será despertada também a partir da compreensão crítica da sua realidade e da sociedade em que está inserido. Por isso, precisa partir dos elementos que compõem a realidade do alfabetizando, seu mundo do trabalho, suas relações sociais, suas crenças, seus valores. (p. 74)

A qualidade na Educação de Jovens e Adultos não resolverá os problemas sociais do país. É preciso criar meios que possam garantir uma alfabetização de qualidade aos cidadãos na idade apropriada, que é na infância. Assim sendo esses não farão parte de estatísticas desanimadoras no futuro.

As lições proporcionadas por essa experiência são fáceis de extrair e difíceis de realizar, pois indicam a necessidade de atuar simultaneamente em quatro direções: 1) articular a alfabetização de jovens e adultos a outras políticas sociais (de saúde, assistência, trabalho e renda) que favoreçam a mobilização e permanência dos educandos no processo; 2) aperfeiçoar a gestão, agilizando processos e controles; 3) criar condições de ensino e aprendizagem apropriadas, incluindo assistência aos estudantes (merenda, óculos, transporte) e desenvolvimento profissional dos educadores; 4) continuar o processo de alfabetização, assegurando oportunidades para as habilidades de leitura escrita e cálculo. (UNESCO, 2008, p.77)

Se a escola não consegue alfabetizar o adulto trabalhador, como esse fará para ter sucesso em cursos de qualificação profissional ou em algum curso profissionalizante?

Saviani (2009) descreve a concepção crítico-reprodutivista, do aparentemente fracasso escolar que na verdade é:

O êxito da escola; aquilo que se julga ser uma disfunção é antes, a função própria da escola. Com efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção, a escola na sociedade capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador. Daí sua natureza seletiva. A impressão que nos fica é que se passou de um poder ilusório para impotência. Em ambos os casos, a história é sacrificada. (p.27)

É importante que haja uma quebra de paradigmas na Educação de Jovens e Adultos, as Universidades ainda pensam que os alunos dessa modalidade de ensino são pessoas com mais de 60 anos de idade e que os seus alunos vão à escola para aprender a ler, a escrever e aprender a realizar cálculos. A Educação de Jovens e Adultos é preterida no meio acadêmico. Reis (2011) descreve que “na Faculdade de Educação (FE) da UnB, predomina a formação de professores em educação e alfabetização de crianças.” (Rodapé 26, p. 45)

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos precisam de uma educação de qualidade aliada aos seus anseios que vão além da aprendizagens de leitura e escrita. Hoje os alunos dessa modalidade de ensino são, em grande parte, jovens da chamada idade economicamente ativa e precisam sair da marginalidade e da exclusão social decorrente das práticas do contido em envolve leitura ou escrita.

É preciso ainda elevar a escolaridade do trabalhador para garantir a melhoria da qualidade dos seus serviços e conseqüentemente a sua renda, e assim, esse contribui para o desenvolvimento da economia no seu meio social.

A Educação não determina os empregos como o Mercado de Trabalho, nem anos de estudos significam boa renda financeira, mas as escolas podem desenvolver ensinamentos e conhecimentos que podem influenciar na prática cotidiana do aluno trabalhador. Oliveira e Silva (2011) informa a necessidade de fazer críticas a concepções educacionais que “se configuram muitas vezes como expectativas que não se efetivam plenamente no mundo da prática laboral e vivências cotidianas de inumeros trabalhadores.” (p. 223)

Os trabalhadores que não tiveram resguardado o seu direito de acesso e

permanência em escolas, veem na alfabetização uma ação que irá contribuir para a superação das desigualdades e da exclusão social. Mas a Base Curricular Comum do Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos, elaborada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, não atende a real expectativa e as principais necessidades do aluno da Educação de Jovens e Adultos.

Os alunos trabalhadores, o jovem e o adulto que não tiveram acesso à escola na idade apropriada tem vontade de estar escolarizado e necessidade de aprender, na escola, algo que lhe seja útil no seu cotidiano.

O maior anseio dos alunos da Educação de Jovens e Adultos é a vontade imensa de aprender, no menor tempo possível, a ler e escrever. Esses chegam à escola com certo conhecimento sobre o mundo letrado adquirido em breves passagens por instituições educacionais ou durante a realização de atividades cotidianas. Nas poucas e intermitentes oportunidades que tiveram de frequentar um curso de alfabetização, o resultado de aprendizagem foi quase nulo, especialmente na aprendizagem da escrita.

Várias atividades profissionais, e o avanço tecnológico exigem conhecimentos que vários alunos da Educação de Jovens e Adultos não dominam, ou são impedidos de se qualificar ou de melhor se profissionalizar devido ao analfabetismo.

A escola brasileira ainda não encontrou meios mais eficientes de alfabetizar vários trabalhadores. As escolas do Primeiro Segmento ainda não está preparada para mediar os conhecimentos prévios dos alunos com o Currículo da Educação Básica. Esses alunos se desestimulam com as aulas quando veem que o que estão aprendendo não causa impacto nas suas práticas cotidianas, a escola, assim, estará sempre excluindo vários alunos dos cursos de alfabetização para jovens e adultos.

A ansiedade, por parte dos alunos, para adquirir o domínio da leitura e da escrita e a falta de tempo letivo adequado para os professores trabalharem de forma ativa e com qualidade no processo de alfabetização atrapalha e muito o progresso e a permanência de vários jovens, adultos e idosos da Educação Institucionalizada.

Se Educação é direito de todos, nós professores temos que ser uma ferramenta para fazer desse direito um compromisso cumprido. Temos que ter uma preocupação, não apenas, com a erradicação do analfabetismo, mas com a Educação continuada para jovens, adultos e idosos. Agregar a Educação Profissional, ou a qualificação técnica com os cursos de alfabetização pode ser uma alternativa para acabar com a evasão e a retenção nos cursos do Primeiro Segmento da Educação de jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. São Paulo, abril, 2012

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade estudo sociolinguístico de migrações e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

DISTRITO FEDERAL (BRASIL). **Diretrizes Pedagógicas do Distrito Federal 2009-2013**. Brasília, DF, Riita, 2008.

DISTRITO FEDERAL (BRASIL). Secretaria de Estado de Educação. **Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**, 5. ed. Brasília, s.e., 2009.

GADOTTI, Moacir. **Mova, por um Brasil alfabetizado**. Série Educação de Adultos 1, São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA– IBGE Dados do Censo 2010: <http://www.censo010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=P6&uf=00> acesso: 17/11/2011 às 17:23

LINS, Arthur Ferreira da Costa. **“A Brasília que não lê” - uma pesquisa qualitativa com migrantes sem escolarização e alunos da Educação de Jovens e Adultos**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Universidade de Brasília, 2010.

LINS, Arthur Ferreira da Costa. **A retenção e a promoção de alunos do 1º e 2º semestres do Primeiro Segmento da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado – em construção. Universidade de Brasília (2011-2013)

OLIVEIRA, Ana Paula B. de e SILVA Flávio de Ligório. **Educação de Jovens e Adultos no contexto do mundo do trabalho**. In SOARES, Leoncio (org.). Educação de Jovens e Adultos: O que as pesquisas revelam. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil, Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyla, 6ed, 2003.

REIS, Renato Hilário. **A constituição do ser humano: amor - poder - saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Coleção Políticas Públicas de Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 41. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: Teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Curriculo para a Educação de Jovens e Adultos** (2010) disponível em http://www.se.df.gov.br/?page_id=565 acesso em: 22/06/2012 às 20:24

SECRETARIA DE TRABALHO DO DISTRITO FEDERAL, oferta de vagas para emprego http://www.trabalho.df.gov.br/?page_id=112 acesso em 20/09/2012 às 22:48

UNESCO, **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: Lições da prática**. Brasília: s.e., 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-310-1



9 788572 473101